

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 5 de Maio de 1932

5^{ma}

ÓES

6.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

3 1



sempre
fi **re** **semanario**
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57

DR. MANUEL HELENO



Espirito desempolrado e moderno, em contraste com o pó arqueológico, que remexe sábia e meticulosamente. No Museu Etnológico, de que é illustre director, centraliza um recente decreto a guarda e exploração dos monumentos arqueológicos. A acertada medida foi considerada «monopollo» por varias entidades que, despeltadas, regressaram á idade da pedra... no sapato.



Os ditos da semana



A estigmatizada Acabou a farsa de Lamego. A Maria da Conceição de Jesus já não verte sangue. Esgotou-se. Já não ha peregrinos para ver a miraculada.

Agora estão os medicos a estudar o caso. Dizem que é nervos, que é histeria, que é auto-sugestão, que é mistificação. Perfeitamente de acordo. Mas a comedia estava bem arquitetada, não lhe faltando sequer os cordelinhos do pedido feito a Deus pela estigmatizada, para que os estigmas lhe não icrnassem a aparecer diante de pessoas estranhas. Pudéra! Internada num hospital e com medico à vista, como se havia de dar o milagre?

Os medicos estudam-na. Parece, porém, que ainda ninguém se lembrou de estudar o padre-patrão e as pessoas que privavam com ela. A's vezes podia acontecer que ao mesmo tempo que encontrassem vestigios da intervenção do Padre Eterno, descobrissem tambem a obra do Espirito Santo... de orelha.

A sciencia tem obrigação de ser bisbilhoteira...

mento que caiu de cama.

Sete raparigas niponicas, entusiasmadas com o gesto do pintor, foram nas mesmas aguas, ou melhor, nos mesmos sangues e pintaram com o seu uma bandeira japoneza.

Não o diz a noticia, mas é facil de calcular, que a bandeira devia ser bastantes vezes maior do que o retrato do Micado e a noticia nada refere acerca do enfraquecimento das sete rapariguinhas de olhos ao revez.

De tudo isto parece concluir-se que, no Japão, as mulheres são mais fortes do que os homens

Baton-rouge Um telegrama da America traz-nos a seguinte noticia:

BATON-ROUGE, 27. — Na ausencia do sr. King, que deve assistir á conferencia dos governadores, é Miss Alice Grosfeau, de 25 anos, quem vai dirigir, durante uns dez dias, o Estado de Luisiana.—N.

Agora preguntamos nós? Valeu a pena gastar dinheiro e

fazer trabalhar os telegrafos, por causa daquilo, que nem parece da America?

Que nos interessa a nós que Miss Alice Grosfeau assumia o governo?

Baton-Rouge é sem duvida a terra que melhor quadra a uma mulher.

Não sabemos se uma mulher será capaz de governar Baton-Rouge. O que se pode asseverar é que com o *baton rouge* é que elas se governam.

Já por cá é a mesma coisa.

As obras do Parque

Pararam as obras do Parque Eduardo VII para a Camara pensar.

Diz-se que pararam porque a Camara quer, antes de mais nada, um plano. Ora um plano no Parque Eduardo VII é coisa muito difficil de encontrar, de modo que, ou as obras param de vez, ou voltamos á mesma. De contrario se fosse posto em execução o projecto Forestier, lá se iria tudo quanto Matta fiou, que é como

quem diz, tudo o que o sr. Quirino da Fonseca congeminou.

Lá se teria de aterrar o lago e arrasar a escadaria monumental e deitar abaixo o miradouro e desmanchar o *corrego* e destruir a estufa e arrancar a relva e vender os barcos e dispensar o policia e deixar passar por ali fóra a Avenida da Liberdade, em direcção a Bemfica.

Mas em todo o caso, esperemos pelo plano, que enquanto o plano vai e vem tolgam os desempregados.

Anuncios O nosso fornecedor habitual dá-nos hoje apenas um anuncio, mas nem por isso deixa de gosar dos seus bons creditos.

Diz assim:

Divorciados ou creanças de côr, desde 4 anos, aceitam-se duas, boa casa e perto de escola e liceu. Resposta a este jornal, ao n.º 21.

Que coisa tão extraordinaria! Que extraordinarias predileções!

Porque será aquela preferencia dada aos divorciados e ás creanças de côr? Porque se exigirá que as creanças ou os divorciados tenham apenas quatro anos de idade? Para que quererão os divorciados a vizinhança duma escola ou liceu? Para aprenderem a ser bons esposos?

Um conselho nosso ao extraordinario anunciante:

Aproveite a escola e o liceu para si proprio e, quando estiver habilitado a escrever correctamente e de modo que se entenda a nossa lingua, hote então o seu anuncio nos jornais. Assim é atirar dinheiro á rua. Creia que nem os divorciados, nem as creanças de côr lhe responderão. Ou é aquilo lingua de preto para creanças pretas de quatro anos de idade?

Quereis dinheiro?

Jogal no

Lama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

Republica infantil Stambul costuma consagrar a ultima semana de Abril ás creanças. Este ano as funções administrativas, desde as de governador ás de simples continuos das repartições publicas foram entregues á pelizada. São as creanças quem manda. As suas ordens e decisões são imediatamente executadas e acatadas. Assim, com um funcionalismo que orça entre 10 e 14 anos, Stambul vê os seus negocios seguirem sem novidade, tal qual como quando tem a geri-los os barbaças de cinquenta e sessenta anos.

Darei para o futuro já não poderá dizer-se, como dantes se dizia, que isto de governar povos não é uma brincadeira de creanças, dado que se prova que os meudos provam tão bem ou melhor do que os adultos.

Ora aqui está uma experiencia que tambem entre nós se podia fazer. E talvez se verificasse, com grande espanto das potencias, que tudo continuava a correr bem.

Vamos a isso?!...

O sangue O pintor japonês Ito Hikoe, pintou com o proprio sangue um retrato do imperador. Parece, porém, que carregou demasiadamente nas tintas, donde lhe resultou um tal enfraqueci-

Dr. Angelo da Fonseca



Lente da Faculdade de Medicina de Coimbra. Grande especialista de rins e vias urinares, este huzte cirurgião quando lhe aparece um cliente, fica logo com a pedra no sapato, desconfiando que o doente tem pedra na bexiga e tira-a sem perda de tempo, para que ele não vá para debaixo da pedra do jazigo.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

HA já mais de uma semana que não mudam os autores do *Dia de Romarias*.

Parcece que é desta, finalmente!



CONTINUA no teatro Apolo *O Hotel dos dois pombinhos*.

E ainda dizem que o teatro está em crise. Apresentem-lhe peças de «tese» como a que se representa actualmente no Apolo e veremos o sucesso.

Está provado que o que o publico quer é rir-se...



CHEGOU finalmente ao Brasil o actor Carlos Leal. Segundo dizem os telegramas, o Carlos foi retirado de bordo com todo o cuidado, sempre acompanhado pelo Lopo Lauer, indo imediatamente para o hotel, onde ficou fechado a sete chaves num quarto e guardado pelo Lopo e pelo Silva Tavares.

Ao hotel tem ido muita gente vêr o Leal e felicitar o Lopo Lauer pelo exito conseguido.



CONSTOU que uma escritora portuguesa estava escrevendo uma comedia do chamado «genero livre».

Os jornais, no entanto, desmentem a noticia.

Mas nós não nos admiramos nada. Podia muito bem ser verdade.

Ha escritoras que até escrevem versos!

A nova revista do Variedades, segundo o *Diario de Lisboa*, é de Alberto Barbosa, Almeida Amaral e Xavier de Magalhães e intitula-se *O Pirolito*.

Um *pirolito* para três não chega a nada.

Foram os que ficam por fóra, a vêr se apanham o berlindo.



NO teatro da Trindade, do empresario José Loureiro, sobe brevemente á cêna a opereta *Paganini*.

Consta que a seguir subirá outra, intitulada *Pagajósé*.



DO *Diario de Lisboa*:

«O actual empresario do Gimnasio, sr. Cunha Santos, procura organizar uma companhia para a realização de espectaculos de comedia, na proxima epoca de verão.»

Procura organizar — segundo diz a noticia.

Procura e se calhar não consegue.

E ainda dizem que ha crise...



AFINAL, Corina Freire e Francis já não fazem parte do elenco que no teatro Variedades vai representar a nova revista.

Porque será?

Mas até lá veremos.

O laundo dá tanta volta...

Agora deu uma volta para traz!

ANUNCIA-SE no teatro Nacional um «serão classico».

Ao certo não sabemos ainda bem, mas calculamos.

Como a peça de Reinaldo Ferreira, «1808», está ainda um pouco atrazada, eles fazem serão para para aquilo ir mais depressa.

Chamam-lhe *classico* que é para disfarçar e dar a nota



DO *Diario de Lisboa*:

«Chegou a Lisboa, vinda do Rio de Janeiro, a corista portuguesa Ana de Albuquerque, que foi contemplada, no testamento de um parente, falecido em Santa Comba Dão, com a quantia de 800 contos.»

E ainda dizem que a vida de teatro não é de futuro.

Ai, não!

800 contos em Santa Comba...

Isto no fim é o que mais admira, porque de Santa Comba virem 800 contos... é mais difficil do que parece á primeira vista!



CHAMA-SE *Pastilha do Amor* a peça que a empresa do Apolo vai montar, em seguida ao *Hotel dos dois pombinhos*.

Com que, então, *Pastilha do Amor*? Deve ser bem boa! E' capaz de fazer crescer agua na boca!...

DIZEM os reclusos que o interesse do *Hotel dos dois pombinhos* aumenta nos dois ultimos actos.

Não admira!

Em peças daquele genero é sempre assim!...



A *Senhora da Saude* já fez o seu primeiro milagre.

Restabeleceu a simpatica actriz Teresa Gomes, que tão doente tem estado e que já começou a ensaiar!...



DO nosso colega *Diario de Lisboa*:

«Volta a agitar-se o problema dos pesados encargos que sofrem as nossas casas de espectaculos, tornando cada vez mais difficil a situação das suas empresas exploradoras.»

Volta a agitar-se?... O pior é que não ha viração!...



DIZ a *Republica* que certo jornalista está fazendo negociações para formação duma companhia que explorará o genero policial.

Esperamos que o *Reporter X* desvende semelhante misterio!...



A companhia de revistas *Estevão Amaranthe* teve, no *bota-fôra*, uma afectuosa despedida, mas sem «lagrima pendente»!

Iam todos alegres. Pudera! Viram-se livres disto — sem saudade!

O HOMEM DE TODAS AS HORAS

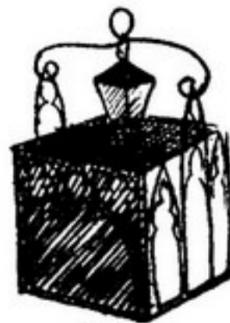
A evolução do caixote do lixo através dos seculos



Na idade da pedra os caixotes de madeira eram construídos em pedra lascada, sendo os detritos queimados antes de ir para a carroça.



Mais tarde, os gregos deram-lhe uma forma artistica e eram fellos de barro decorado por artistas consumados, tais como Praxiteles.



Foi no entanto na Idade Media que eles atingiram a maxima perfeição, tendo alguns uma pequena lanterna para os iluminar.



Depois do terramoto, este tão util objecto foi caindo em decadencia até que uma proficiente municipalidade dos nossos dias...



...os mandou construir de ebonite com todo o conforto moderno, de corações futuristas tendo uma pequena galeira, e perfumador automatico..

Cacharolete

O *Diário de Notícias* publicou há poucos dias notícias dos canibais que provocam agonias:

Foi o caso que Romili, um maduro italiano, foi viver no meio deles durante mais do que um ano.

Ao regressar à Europa, Romili preconizou o uso da carne humana, de que el' provou e gostou...

Segundo diz, são as coxas e os braços dos semelhantes os manjares apreciados por tais seres extravagantes.

Em vez de cacar leões ou singelos roedores, os canibais cacam crânios, que põem em assadores.

Estas notícias horríveis deram-me tais agonias que nem posso comer bites durante estes quinze dias...

O HOMEM DOS TIMBALES.

AUTOMOBILISMO



— Não ganhei a corrida, mas atropeli minha mulher. Sempre consegui alguma coisa...

Dois solitários

Dois cavalheiros se encontram na Avenida, certo dia, e um deles ao outro pergunta com extremos de cortezia:

— Queira você perdoar interromper-lhe o caminho, mas vejo-o a passear todos os dias sózinho!

Ou então, estou enganado e deixei-me equivocar! Não será o cavalheiro quem eu costume encontrar?

E o outro, num tom baixinho, explicou então a razão: — Passeio sempre sózinho! E' essa a minha paixão!

— Tem graça! — lhe respondeu o outro, com alegria. — E' tal e qual como eu, que não quero companhia!

Que coincidência termos igual forma de pensar! Nesse caso, poderemos os dois juntos passear!

PATO MARRECO.

O baile das Pintalgayas

Micas Pintalgaya não estava ainda completamente refeita da desilusão sofrida com Florencio, quando se cruzou com o poeta Julião, que caminhava conversando amavelmente, quasi carinhosamente, com Lady Daisy. Micas pensou, ao ver Julião naquela intimidade com a loira inglesa, que, apesar de tudo quanto os seus inimigos diziam, ele era ainda um belo tipo de homem. Pouco cabele, mas muito talento. E uma expressão tão doce no olhar mácio...

Seria um encanto a vida em comum com um homem assim, belo e talentoso, e, para mais, membro ilustre da Academia. Lady Daisy, pela insistência com que o perseguia, pensava, decerto, ter encontrado em Julião a alma irmã que há tanto tempo procurava. A uma tal ideia, o coração de Micas revoltou-se. Não havia o direito de deixar perder uma gloria nacional nos braços duma estrangeira — embora Lady — quando tantos corações portugueses, tantas mulheres em Portugal tinham como ideal supremo e suprema ventura morrer d'amor nos seus braços!

Julião, que amava a beleza, sobretudo quando ela esplendia numa carnacão de mulher, não poderia hesitar entre as duas. Era preciso desfazer o engano d'alma ledo e cego em que Lady Daisy andava absorta, — e dar, ao mesmo tempo, uma bofetada em Florencio.

Micas Pintalgaya pediu ao chefe do jazz que tocassem a «Ramona»; e quando os primeiros acordes se fizeram ouvir, Micas Pintalgaya dirigiu-se a Julião, interrompendo o seu flirt com Lady Daisy:

— Mestre, consagrei-lhe esta valsa...

Julião, sem hesitar, deixou a conversa com Lady Daisy para se entregar nos braços de Micas. E que braços! Na sua mocidade, as valsas tinham sido o forte de Julião; dançando a «Ramona» com Micas, ele tinha a ilusão de que a sua mocidade refloria, e que a vida de novo lhe oferecia uma cornucopia de prazeres.

— Sinto-me tão feliz nos seus braços, Mestre... Se soubesse quanto o admiro!

Modestamente, Julião esquivou-se a uma conversa cujo tema fundamental seria a sua personalidade literaria.

— Minha querida amiga, não falemos de mim. Junto de si, eu nada sou e nada valho; apenas um homem encanecido pela meditação e que lamenta não poder voltar a sua juventude...

— Sente-se velho, querido Mestre?

— Quem se não sentirá velho junto da sua juventude em flor?

— O espirito nunca envelhece, meu amigo. Se os seus cabelos a pouco e pouco embranquecem, se dia a dia a sua frente se torna mais ampla, a sua alma permanece eternamente juvenil. O que eu admiro num artista e profundamente no meu querido Mestre, não é o corpo, não é a forma, mas a essencia, o espirito... Um artista é para mim um frasco de perfume que se aspira com volupia, que nos embala, nos faz sonhar, esquecer as brutalidades da vida; mas, se a essencia é tudo — o frasco é nada. Não pensa assim, querido Mestre?

Com efeito, a carne de nada valia aos olhos do espirito; e Micas Pintalgaya era a primeira a demonstrar esta verdade psicologica, porque, á medida que o seu espirito ia transcendendo as contingencias da vida terreal, o seu corpo abandonava-se nos braços de Julião, que o amparava solidamente pela cintura.

— Sim, minha querida amiga! a essencia é tudo, o frasco é nada; e a vida é nada em face do amor, sua essencia sublimada, que é tudo no mundo. Por isso eu canto o amor em todas as cordas da minha fragil lira de poeta...

A pequenina parcela do ser de Micas Pintalgaya que ainda a prendia á terra começava a revoltar-se contra a injustiça dos homens. Que Julião era futil! Queriam maior infamia? Pois não acabava ele de modelar, numa forma de bronze, um pensamento de cristal, luminoso e ao mesmo tempo mais profundo do que qualquer pagina da «Luta pela Imortalidade»? O pensamento de Julião começava a arrastá-la pelas regiões altíssimas onde só as agulas logram viver; sentia no espirito uma vertigem deliciosa: as asas do Sonho, batendo á sua volta, obrigavam-na a cerrar os olhos, para que a luz a não cegasse. E, numa comoção toda espiritual, Micas pediu:

— Querido poeta, continue...

— O amor, o amor, minha querida amiga! A sua flecha dourada, rutilando ao sol com o clarão de uma espada... um parzinho de biscuit numa paisagem de Versailles... E' lindo, minha amiga, não acha?

— Admiravel, Julião. Diga-me mais coisas assim, muitas coisas lindas, para eu sonhar...

— Nas arvores cantam os rouxinóis. Na sombra mimosa do pavilhão, o lindo par confessa o seu amor. Uma figurinha de Saxe. Um cavaleiro de capa e espada, punhos de renda, empoado... E' lindo, não acha, querida amiga?

Micas não podia ficar insensível á riqueza de imagens com que Julião esmaltava as suas ideias sobre o amor, essencia subtil da vida. O seu espirito entrava no extasi. O seu corpo, insensivelmente, enfraquecia, e as pernas vergavam-se-lhe, sem forças para a manterem de pé. Aquela atmosfera musical, o encanto daquela valsa, a profundidade do pensamento de Julião — entonteciam-na.

— Julião, meu amigo, as forças começam a faltar-me... O ar da madrugada deve dar-me alento...

Julião poderia ter oferecido a Micas o seu frasquinho de sais ingleses; mas entendeu que o jardim seria melhor como tonico — porque os isolaria do mundo.

— Ah, meu bom amigo, como se respira bem aqui! — declarou Micas quando se sentaram num banco isolado do jardim. Agora posso ouvir melhor, neste silencio, a sua voz musical e doce. Diga-me coisas lindas, coisas de encantar... Quero dormir, sonhar, talvez, como no «Hamlet»...

Julião, assim instado, de novo expôs as suas teorias sobre o amor:

— A essencia da vida está no amor, minha boa amiga. O amor é belo! E a vida só é bela quando o amor a perfuma... Junto de si, sinto-me proximo da minha fonte de Juvencia. Mas o amor é eterno como a vida, e, como a vida, não conhece o espaço nem conhece o tempo. A neve da minha frente transforma-se milagrosamente numa cascata d'oiro que vai despenhar-se no seu regaço...

Micas Pintalgaya encostou a cabeça ao ombro de Julião. Os seus labios entreabriram-se, e as palavras saíam-lhe como numa prece:

— Fale mais, poeta, mais ain-

da... Sinto-me tão bem a ouvi-lo!

— Ajoelhe a seus pes. Beijo-lhe as mãos marfíneas, que acariciam a minha cabeça branca com ternuras de creança. O perfume da sua pele embalsama a atmosfera em que vivo. O sorriso dos seus labios é um sol que desponha para alumiar a minha alma... E' tão bom, o amor!

Micas atingia, sem querer, as culminancias da Poesia. A sua alma fundia-se na alma de Julião. O seu corpo tremia, e a sua face acariciava a face macilenta de Julião. E, num murmúrio, confessou a alegria que lhe inundava a alma:

— Amo-o, meu querido amigo... Leve-me consigo...

Julião teve um estremecimento em todas as suas fibras mais intimas. A revelação subita daquele amor ignorado fé-lo vacilar. O seu amor pela psicologia experimental inclinava-o a ceder; mas o horror das responsabilidades paralisava-lhe os movimentos.

Como Florencio, Julião era casado. A sociedade ignorava-o; só os seus amigos intimos o sabiam e não tinham interesse em divulgar tão precioso segredo. Madame Julião nunca o acompanhava; o poeta entendia que, para levar a bom termo a sua missão de artista e de psicologo, o casamento não deveria nunca embaraçá-lo. E, enquanto sua mulher vivia enclausurada no fundo duma quinta provinciana, cultivando a horta e o pomar, Julião, em Lisboa, pelos camarins dos teatros, pelos *boudoirs* galantes, pelas livrarias do Chiado, cultivava carinhosamente a gloria e com ela o amor das mulheres.

Deante de Micas Pintalgaya, o egregio poeta sentia-se numa situação terrivel; queria colher a rosa, mas sem tocar nos espinhos...

— Julião, pertença-lhe. Pertença-te, meu amor! Quero sentir a minha alma fundir-se na tua, divino poeta!

Recuperando as energias abaladas, Julião quiz demonstrar que um poeta, afinal, era um homem — e que os seus deveres d'homem estavam acima dos seus deveres de poeta. Olhou á volta, escutou cuidadosamente; ninguém. E sobre a relva mácia, enquanto as estrelas, no céu, cintilavam, e «jazz» no salão, evocava um batuque de negros...

MYSELF.



— Porque é que estás a tremer, pequena?
— Não é bem do frio! É de os ver tão agasalhados...

Uma coisa de amor sem importancia

Foi numa manhã de céu azul-turquesa, cheinha de sol! — que quando nasce é para todos — que se casou o pandego do João Matias.

Um verdadeiro acontecimento mundano, mas ao qual *falhou* a presença do jornalista-diplomata, em mangas de cabelo, Vasconcelos e Sá.

A cerimonia, que teve farta concorrência de sopeiras, varinas e ladravazes comerciantes da nossa praça, decorreu, no Registo Civil, como não podia deixar de ser, entre a mais franca camaradagem e alegria.

Louca de desejos do — *enfim!* — a viuva, com a flor da lã-rangeira já toda amarfadinha, ia recebendo as beijocas das mulheres já praticas da vida, com os melhores votos de muitos meninos e meninas...

E davam conselhos a Pulqueria, a consorte do dia:

— Rapariga! Faz-te fina! Deixa lá ficar a tua mãe na Paz do Senhor...

— Sim, ó Pulqueria, não grites por ela... É sempre feio fazer isso ao Matias!

E a noiva, vermelha qual papoia, de olhos de azeitonas de Elvas e de amendoas de casca, a todas dizia que sim, que havia de ser rauda ante as explosões do seu maridinho.

— Muda, mas não quêda! — objectava a Sra. Matias.

Neste comenos, quando o cortejo nupcial saia a portaria do Registo, o *reporter* X. P. T. O., adregando a cara apalermada do Malquias, sem que ninguém desse pelo gesto, puxa-lhe a aba do desleigante fraque e murmura-lhe, em surdina, junto aos tímpanos:

— Sabes, ó Matias, com quem te enforcaste?

O noivo, boquiaberto:

— Essa é boa! Com a minha Pulqueria!

Entretanto, os padrinhos e os convidados iam tomando os carros e o ar benéfico do meio-dia.

— Com a Pulqueria, bate certo. Mas tu sabes a conduta dela?

— Uma virgem, uma das mais puras das vinte mil...

— ... que uma é a tua noiva! (e riu perdidamente).

— Tens cócegas?

— Não. Não é nada. É que... que a Pulqueria tem um filho do Jeronimo, mas é tão pequenino, ainda de mama, que nem vale a pena falar nisso.

E o *reporter* pôs-se a fugir, ao mesmo tempo que o Matias caía, ante a estupefacção da noiva e das gentes, com uma congestão cerebral.

E faziam-se comentários:

— Coltadinho! Antes de ser, já o era... cardíaco!

— Pobre Pulqueria, que vai de palmito e capela para a coval!

Com sorte ou com azar, a Pulqueria, ao fim dum mês, para não perder o gosto ao casamento, uniu-se, á porta do talho do Jeronimo, com um magarefo de bom peso e fartas carnes... para dar alimento ao filho do papão!

IVINHO.

A confissão da Lailai

Na casa da familia Vasconcelos havia uma menina de boa educação, que poucas vezes saía á rua e era assim como um bichinho do lar. A não ser para os sermões de domingo e outras ceremonias religiosas que se efectuavam lá de longe a longe na capela visinha, a Lailai (este, o nome delicado da prenda), não punha os pés fora da porta para outra coisa. Isso sim.

Não, que o mundo é mau, é velhaco, e todo o cuidado é pouco para uma pessoa viver tranquila, sem peccados a pesar-lhe na consciencia.

A Lailai, não obstante toda esta reserva contra o profanismo, tinha um namoro, um excelente rapaz, cinéfido de nascença e dum trato esmerado assim a puxar para a alta aristocracia. Chá de caridade ou recita de beneficencia que se effectuasse lá na terra, ele não faltava.

★ ★ ★

Ao que parece, os dois jovens amavam-se, não diremos perdidamente, mas em dose bastante para que um dia encontrassem a felicidade mutua.

As noites, depois das tantas, lá estava ele de ventas para o ar, tomando gargarejos, como se diz em linguagem rasca, que é como diz a dizer tolices e banalidades para passar o tempo. E ela então, lá do fereiro andar, com a voz muito esganicada e a presumir ás intellectuais, dizia-lhe invariavelmente, que a noite estava um encanto e a lua dardejava seus olhares enternecedores para aquela rua, em homenagem aos moços amantes, cuja felicidade estava por um triz.

Durou esta fita uns anos bem buxados, até que — e já não era sem tempo — surgiu a ideia do casamento.

Já era demais. Ele ficou com um gesto no pescoço, de tanto olhar para cima, e

ela arranjou uma marreca pequenina e muito engraçada, de se debruçar a miúdo na varanda. Muito padece quem ama, diz a Sabedoria das Nações — e é bem certo.

★ ★ ★

O casamento foi aprazado para um domingo.

Emfim, sempre ha mais gente para assistir, e fica muito melhor em familia de certa categoria.

A Lailai, que era toda lemente a Deus, não descansou enquanto não fez a sua confissão. Por acaso, o abade lá da freguesia era um bom velhote e muito amigo lá da familia, a quem visitava de vez em quando para dedilhar no piano algumas musicas sacras — e dar um bordejo pela adega.

Na vespera do grande dia, dispôs-se a confessar a rapariga.

— Vem cá, Lailaisinha. Tu sabes que se peca por três formas, não é verdade? Por pensamentos, por palavras e por obras. Ora vamos a saber. Primeiro, por palavras, já pecaste?

— Algumas vezes, senhor abade.

— Bom. Deus tudo perdôa e é bom não occultar coisa nenhuma nestes momentos. Vamos, adiante. E por obras?

A Lailai baixou os olhos e ficou quasi um soluço:

— Sim.

— Ora vamos, minha menina. Não vale amuar. Eu estou aqui para te dar a benção e conseguir o perdão do céu. Vamos lá a saber, para acabarmos. Ha ainda uma outra maneira de pecar. Sabes qual é? Lembras-te?

E o bom do abade, para lhe recordar o pensamento, levou o indicador á testa.

A rapariga o-hou com especial atención, fixou-o por momentos e, vermelha como um tomate, muito encavacada por fora e por dentro, respondeu:

— Também, senhor abade

MAXIM.



— Tivemos imenso prazer em encontrá-lo. E apareça lá por casa. Vê aquele marco do correio? É ali que nos moramos...

Um caso da vida do Graça

Conheceram o Graça? Este vosso criado conheceu-o. O Graça capitalista, afamado em todas as redondezas de Portalegre e que era tido como homem que via longe... á vista desarmada. O nosso herói ia todos os anos ás aguas, — coisa que está em moda, em vista de muita gente andar suja...

Pois foi, meu caro leitor amigo, num dos hotéis das nossas termas do norte, que aí por 1920 conheci o anafado capitalista. Travamos conhecimento e, ha um ano, tive occasião de ver outra vez esse meu amigo que ha tempos não via. Estava eu, pois, o ano passado, num hotel do norte, e ainda em val de lençois, quando, no quarto contíguo ao meu, ouvi uma voz forte dizer para o criado Francisco:

— Repare bem, Francisco. Tra-ga-me agua e não se esqueça do que lhe disse, de amanhã, pelas 4 da madrugada, bater-me na porta, para eu apanhar o comboio, que passa ás 5 para o sul. *Ou-rites?*

E o Francisco, que era da Galiza:

— Sim senhor. Reconheci então a voz do Graça, do homem que via longe, do afamado capitalista, e assim foi, pois ao almoço senti grandes abraços do nosso hospede, passando-se o dia em amena palestra e acabando ele por me dizer da sua partida para o sul, que eu indiscretamente ja tinha ouvido.

E veio por fim a noite...

Aí pelas 4 horas, senti o Francisco dar valentes bordoadas na porta, para acordar o meu amigo. Este levanta-se, chama-lhe alarve mil vezes e recomenda-lhe que não era assim, decidindo, por fim, ir so no outro dia, á mesma hora, pois queria que lhe batessen na porta com mansidão. E o Francisco lá se foi, dizendo-lhe que sim.

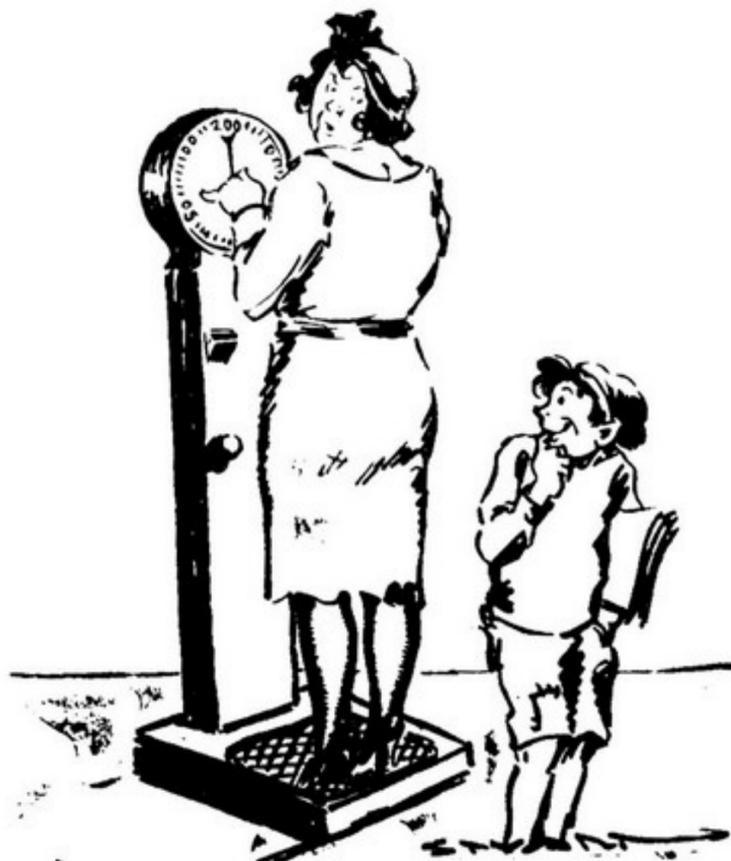
Veio o outro dia e o Graça comunicou-me, muito grave e zangado, a sua attitude, até que tornou a vir a noite outra vez e, quando eia ia alta... na mansão da morte, isto aí pelas 3 e meia da madrugada, eu, de ouvido á escuta, senti outra vez o Francisco, mas de pé ante pé, ir junto da porta do Graça, bater-lhe muito suavemente, repetindo sempre as pancadas em surdina, até que o nosso capitalista se levantou e, tambem de pé ante pé, foi abrir a porta e dizer em surdina, mas colerico e de dentes cerrados:

— E's um selvagem!... Tu não me sabes bater!... Com esta brandura, como querias que eu acordasse, meu alarve?!... Vai-to cri-bora e bate-me amanhã doutra forma, minha besta!...

Então, o Francisco, perdendo a pinha, exclama:

— Eu não lhe xei bater!... A'manhã bata-xe o xenhor a si mesmo, quando fór a sua hora!...

ARMANDO MARIANO.



— De que te ris, meu patife?
— É que a balança só pesa até 200 kilos!

Graça dos outros

O docente: — Esposa amada... Anjo de bondade!... Flôr de doçura... Tesouro precioso!...
O medico: — Eis o que eu temia: o delirio!...

★ ★ ★

No restaurant, entre amigas:
Alda: — Conheço aquele homem, mas não me recordo quem seja!
Maria: — E' o teu marido... do ano passado!...

★ ★ ★

A mulher: — Tens alguma coisa a censurar á minha mãe?
O marido: — Tenho! Não ter ficado solteira...

★ ★ ★

Entre judeus:
— Que tal vão os negocios?
— Menos mal! Vendo pombos correios!
— E nunca perdes?
— Os pombos que vendo de manhã voltam á noite!...

★ ★ ★

Razões de hygiene:
A senhora: — Porque não tomas banho todos os dias, como eu?
A criada: — Para quê, minha senhora, se não tenho nanoro?!

★ ★ ★

No tribunal:
— O réu é casado?
— Porquê? O sr. juiz tem alguma filha solteira?

★ ★ ★

Entre amigos:
— Agora vou ser empresario!
— Sim?! E que genero pretendes tu explorar?
— O genero humano!

★ ★ ★

— Oihe, papá, o que um passaro fez ao seu chapéu!
— Isto não é nada! Agradecemos a Deus não ter dado azas aos cavalos!...

★ ★ ★

A' hora do crepusculo, que é quando o desanimo mais ataca os portugueses, dois conversam á porta dum café:

— Meu caro, eré no que te digo: isto é um país perdido.
— Não ha, então, nada a fazer?
— Talvez publicar um anuncio, oferecendo alviçaras a quem o achar...

★ ★ ★

— O' meu rico senhor! Dê-me uma esmola por amor de Deus.
— Toma lá... Vai entregá-la a teu pai.
— Eu não tenho pai.
— Ora essa... Então de quem és filho?
— Sou filho do meu padrinho.

★ ★ ★

O medico: — Tenho que amputar-lhe uma das pernas.
— Qual delas, sr. doutor?
— A esquerda.
— Ah! que alivio. Do mal o menos. E' a que tem o reumatismo.

★ ★ ★

Uma senhora massadora está enchendo de perguntas um bombeiro.
— E para que serve esta correia que os senhores teem debaixo da barba?
— E' para amparar os queixos quando estiverem cansados de responder.

O unico bebado!

Todas as tardes vou para o Café Italia e, depois de ler alguns dos jornais humoristicos do país e do estrangeiro, inclusivé o *Diario do Governo*, e após contemplar alvarmente as gentis e insinuantes empregadas da Casa dos Piissados, dou duzentas e cinquenta gramas de conversa a varios dos zelosos «criados», alguns dos quais, embora não possuam dinheiro, teem verbosidade sufficiente para sustentar uma casa de pensão com numerosos comensais.

Esta verbosidade, apraz-me registar, é valida todos os dias, excepto ás segundas e quintas, em que a agua negra assucarada com o nome de café custa mais cinco tostões mas que são bem merecidos, se atendermos ao facto de estarmos ouvindo um excelente concerto sob a direcção do Figueiredo, que até parece o Kubelick nos seus dias de Gloria e elevador!

Ora ontem, estando a rever, a pedido do autor, algumas provas do livro a sair *Diario dum doido com juizo*, do nosso camarada Ivo de Monforte, jornalista que, aborrecido de aturar os ajuizados, resolveu sensatamente ir viver uma temporada na companhia dos malucos do Telhal, um dos simpaticos «criados» conhecido pelo *Dente de Ouro*, por ter um chumbado, com ar de misterio e em voz imperceptivel, segredou-me:

— Sei duma boa!
Eu, sem poder atingir o que o homem queria dizer, respondi:
— Sabe-se lá!
E ele retorquiu:
— Sei, o senhor *Rocix* saberá e todos hão de saber!
E fitou-me em attitude de Napoleão de trazer por casa.
A fibra da minha curiosidade começou a vibrar, mas não me dando por achado, pois já estava... perdido de aborrecimento com a conjugação do verbo *saber*, acrescentei:

— Calculo o que você descobriu: que os bifes cá na casa não são de vaca, mas sim de boi! E' naturalissimo, pois sendo este estabelecimento frequentado por toureiros profissionais e outros sem profissão alguma, não era logico que se lhes servissem vacadas!

— Nada! — disse-me ele, dando-me uma violenta palmada na região lombar, com aquela familiaridade que é apanagio de certos empregados de café. — A coisa é outra e muito mais interessante do que calcula!

Entusiasmei-me, confesso. Coisa interessante? Uma ordem da Camara exigindo que as pias fos-

sem de louça do Japão? O sacrificio de assistirmos á representação de outra peça estenderete do sr. Ferro?

O nosso homem, com licença de vossas senhorias, prosseguiu:

— Eu lhe conto. Em tempos, quando em Queluz existia policia, um agente de autoridade da Amadora, vila que faz parte de outro concelho, foi, em dia de folga, cumprimentar o colega de Queluz, e na sua companhia andou visitando a terra. Quando era noite, despediu-se do camarada, confessando-lhe que levava as mais gratas recordações da vila que, em seu entender, seria uma maravilha, se tivesse as ruas concertadas, mais iluminação e não se vissem tantas pessoas embriagadas durante a noite, coisa que não succedia na Amadora, onde — afirmou — durante o tempo que estava lá ao serviço, nunca encontrara nenhum etilizado. O civico de Queluz, ao ouvir esta, enguliu em seco e prometeu que na semana seguinte retribuiria a visita.

«E assim succedeu. Depois de visitar a Amadora, acompanhado do camarada, já a caminho da estação, encontram estatelado na rua um individuo perdido de bebado.

«O guarda de Queluz, entre admirado e ironico, disse ao colega:

«— Ora dizia o camarada que aqui nesta vila não havia bebedeiras, mas aqui está uma que ultrapassa todas que teem aparecido lá na terra onde presto serviço.

«O da Amadora, vexado e furioso, acerca-se do homem, sacode-o e diz-lhe:

«— Levante-se, seu desavergonhado!

«O bebado abriu primeiro um olho, depois o outro e, impossibilitado de abrir mais algum, respondeu:

«— Viva Queluz e mais o vinho da terra!

«A autoridade de Queluz fez-se branca, pois percebera que a unica bebedeira que encontrara na Amadora... era genuinamente que-luzense!»

Contada a historia, o simpatico «criado» olhou para mim e, não tendo nada que fazer, desatou a rir com a mesma facilidade com que costuma deitar café para cima das calças do freguês.

Eu, porém, é que não achei graça á adaptação desta historia, que já conhecia, pois sou de Queluz... e só bebo capilé!!

ROCIX.

Noticias do dia

Do Estrangeiro

Foi assassinado o ministro dos negocios Escuros de Aladin

ALADIN, 2. — Um joven de bigode americano e gravata da mesma cor assassinou o ministro dos Negocios Escuros, desfechando-lhe a modica quantia de dez tiros. O ministro faieceu, assim como o seu secretario, que o acompanhava sempre a toda parte, inclusivé ao outro mundo. O agressor embarcou tambem para o outro mundo, onde foi pedir desculpa do seu tresloucado gesto. — (*United Press*).

Um doido mata a mulher, fere a sogra, cospe nos filhos, maltrata um tio, assusta uma velha, pisa um cauteleiro, morde num cão, rouba um caixote do lixo premiado no concurso da camara e suicida-se em seguida.

MILÃO, 3. — Um homem atacado repentinamente de loucura matou a mulher, obrigando-a a engulir um fato de ganga; feriu a sogra com um tinteiro de prata, cuspiu na cara dos filhos, bateu com uma bengala num irmão do seu provavel pai, pisou um calo ao cauteleiro disfarçado, mordeu num cãozinho de luxo, que era o seu enlevo no tempo em que era lucido, roubou um caixote de lixo a uma visinha e suicidou-se em seguida, espetando na cabeça um prego de chapéu ainda em muito bom estado e que não foi encontrado. No entanto, a policia prossegue nas investigações, contando achar o respectivo prego. — (*Especial*).

Um ciclone nas Antilhas causa trez mil mortes

ANTILHAS, 17. — Foi ontem inaugurado um novo ciclone, que ocasionou muitas vitimas. Até agora, os mortos ascendem a três mil, havendo a esperanza de este numero ser aumentado até á noite. As ruas estão pejudadas de mortos, que dificultam a circulação, com a agravante de os policiaes sinaleiros terem morrido tambem. — (*Favas*).

Esuante incendio

CHICAGO, 4. — O portador de um fosforo que ri acendeu-o inadvertidamente, pegando fogo a duzentas casas. Até agora teem sido impotentes todos os esforços para apagar o fogo. Calcula-se que ardam ainda mais casas, estando o municipio desta cidade na disposição de, caso o incendio continue, mandar deitar abaixo as casas restantes da cidade, para evitar que estas ardam. — (*United Press*).

Gatunos com infelicidade

BERLIM, 3. — Numa casa dos arredores desta cidade penetraram, a noite passada, quatro gatunos portadores das piores intenções. Succedeu, porém, que nessa casa habitam, além dos donos, quatro filhas destes, e, na manhã seguinte, os quatro gatunos foram encontrados em alegre convívio nos quartos das meninas, sendo obrigados a casar nesse mesmo dia. — (*United Press*).

Barco que se afunda

OCEANO PACIFICO, 6. — Esta madrugada, por volta do meio-dia, afundou-se o navio de passageiros *Belas*, de uma data de toneladas. Morreram afogados duzentos passageiros dos cem que viajavam. A tripulação do barco salvou-se, assim como o navio, que depois de se afundar voltou á superfície, sendo salvo então por um barco de pesca, que foi mais tarde apreendido por pescar em aguas territoriais estrangeiras. — (*Especial*).

Os que morrem

PARIS, 1. — A repartição dos funerais nacionais do ministerio do Interior foi mandada encerrar, por decreto, passando os seus funcionarios para outras repartições, em vista de ha já alguns dias não faelcer figura nenhuma de prestigio. — (*United Press*).

Sports de cidade



Corrida de... sacos

Prosa de Cha-Velho

Elevador da Gloria ANUNCIOS

Referimo-nos nesta secção ao abuso dos toureiros espanhóis que, fracassando em Lisboa, telegrafam para Espanha feitos que os jornais vizinhos publicavam por falta de informação dos seus correspondentes. Semelhantes abusos terminaram, porque os correspondentes dos jornais madrilenos resolveram passar a estabelecer a verdade, conforme aqui anunciámos para conhecimento dos tais toureiros e dos seus «apoderados». E assim são os próprios toureiros que ficam em ridículo quando acontecer algum jornal, dos que não têm correspondentes, publicar os tais telegramas fantásticos.

Para prova, oferecemos a todos que viram a ultima tourada do Campo Pequeno este pedacinho de ouro que os toureiros interessados, ou seus delegados, telegrafaram para o jornal *Informaciones*:

«LISEBOA, 25. — Com lleno completo se celebró la anunciada corrida.

El rejoneador Nuncio fué oracionado por sua arte a caballo.

Fuentes Bejarano, que tanto cartel tiene en la Republica, lo confirmó con creses en la tarde de hoy. Escuchó entusiastas oraciones con el capote, hizo quites elegantes, sobresaliendo uno que hizo con faroles, arrojado, que provocó el entusiasmo del publico, y con la muleta derrochó arte y valor.

Dió la vuelta al ruedo en sus dos toros y al final fué despedido con una clamorosa oración.

Heriberto Garcia, muy bien. Sobresalió en la faena de su segundo toro.

Los dos espadas banderillearon muy bien.»

E mais completo foi o telegrama publicado em *La Libertad*, de Badajoz:

EN LISBOA

Reses de Palha.
El rejoneador Nuncio, muy bien, siendo apiadado.

Fuentes Bejarano y Heriberto Garcia tuvieron una tarde de verdadero triunfo, siendo constantemente oracionados.»

Mas os referidos toureiros foram desmascarados pelos jornais bem informados de Madrid, os mais liados, como *La Voz*, que declara não terem os diestros estado mais que regulares. E o A. B. C. acrescenta, e muito bem, que Heriberto Garcia esteve desgraçado.

Assim se inutiliza a mentira, pondo-a em confronto com a verdade e obrigando os jornais mal informados a não mais publicar a informação tendenciosa dos interessados.

Entendidos?

PEREZ LA CHAISE.

Precisa-se de homem sério, com experiencia de automoveis, etc.

(De um anuncio dos jornais)



— Então o senhor tem experiencia de automoveis?
— Bastante!
— E que marcas já conduziu?
— Nenhuma. Sou peão...

No Banco:
O director: — O senhor é um excelente empregado e merece ganhar mais!

Ele: — Muito obrigado!
O director: — Por isso aconselhe-o a que arranje outro Banco onde lhe dêem mais!...

A mulher: — Tens que me dar dez mil réis para ir ao Instituto de Beleza!

O marido: — Isso não chega para começares o tratamento. Toma lá cincoenta!...

Ele: — Baila admiravelmente!
Ela: — Muito obrigada! Sinto não poder dizer o mesmo!
Ele: — Pois faça como eu! Minta descaradamente!...

O orador: — E agora, meus senhores, se algum quizer fazer-me alguma pergunta, responderei com muito gosto!...

Uma voz: — Que horas são?

Na rua:
O freguês do jornal: — Hoje não posso comprar o jornal! Não levo dinheiro!

O garoto: — Não faz mal! Paga amanhã!

O primeiro: — E se morrer esta noite?

O segundo: — Não será uma grande perda!...

A mulher: — E's um homem sem iniciativa!, sem aspirações! Não queres ser nada na vida?

O marido: — Sim: viuvo!...

No escritorio:
O chefe: — Já sei o que quer! Como hoje ha um grande desafio de foot-ball, quer que o dispense, a pretexto de que morreu o seu avô!...

O empregado: — E' isso, sim, senhor! O meu pobre avô não quere morrer sem ver o desafio!...

Num antiquario:
O vendedor: — Aqui tem um violino antigo, um Stradivarius!

A nova rica: — A minha fortuna permite-me comprar um moderno!

Ela, que se julga bonita: — Como recordação de teu pai, que colheci, vou dar-te dez mil réis!

O miúdo, muito lépido: — Também conheceu o meu avô, não é verdade?...

A patroa: — Traz certificados das casas onde tem servido?

A nova criada: — Sim, minha senhora! Tenho aqui de 30 das casas onde estive o ano passado!

Na chapelaria:
O curioso: — E como vão os seus negocios?

O dono da casa: — Muito maus! Anda toda a gente... de cabeça perdida!

Na rua:
A mulher: — Porque não deste nada áquele mendigo?

O marido: — A mim não me enganam. Necessito saber se, realmente, se morre de fome!...



— Ali onde a vês é uma perdida!
— E onde móra?
— No largo da Achada!

Contra factos...

O Evaristo, certo dia, chegou tarde á repartição, o que é uma coisa que acontece, alias, a muita gente.

E, conforme era seu dever, chegou-se ao pé do chefe e explicou: — Queira desculpar-me vir um pouco mais tarde... Minha mulher teve um parto difficil!...

Deu-se o chefe por convencido, e o nosso Evaristo continuou, como era seu costume, a chegar pontualmente todos os dias.

O chefe gostava imenso dele. O Evaristo era «um bom rapaz trabalhador», cumpridor dos seus deveres, gostava do Rei das Melas, era catolico, diabético, vacinado e socio da União Nacional... E aquela falta ao ponto não era motivo para que o chefe chegasse ao ponto de o considerar menos activo e menos trabalhador!...

Passados quinze dias sobre aquele em que o nosso amigo foi o retardatario da repartição, nova-

mente chegou tardissimo. O chefe indignou-se! Realmente, já começava a ser demais!

E o Evaristo, humildemente, explicou:

— Queira desculpar-me de vir um pouco mais tarde... Minha mulher teve um parto difficil!...

A indignação do chefe chegou então ao auge.

— O senhor está brincando comigo? Então ainda ha quinze dias me disse a mesma coisa! Vou quer convencer-me de que sua mulher tem partos difficils de quinze em quinze dias?!

— Mas o Evaristo explicou:

— Não vê o senhor que a minha mulher é parteira... E o que vale é que cada vez nascem menos creanças, quando não, ou eu desistia de tomar o café com leite todas as manhãs, ou acabava por chegar todos os dias tarde á repartição!...

ANIBAL.

Automoveis em segunda mão

VENDE-SE um em boas condições. Conseguiu já atropelar 14 pessoas, salvando-se apenas uma, que ficou para melhor oportunidade. Tem os pneus em bom estado, á excepção de quatro. Modelo moderno. Tipo «sport» com oito pessoas, podendo levar doze desde que sejam bem arrumadas. Travões a todas as rodas, inclusive ás sobreceletes. Trata Garage Monumental, na quasi ex-Avenida Vin' e Quatro de Julho. Todos os dias uteis.

TAXI aberto todos os dias. Seis lugares de estacionamento em varias praças de Lisboa. Vende-se com pneus e *chauffeur*. Motor de oito cilindros, pouco mais ou menos. Foi pintado de novo a pistola, estando apenas furada a capota em consequencia da má pontaria, quando foi pintado. Trata Alvaro Penela, no passeio do Resio, do lado dos cafés.

AOS ANTIQUARIOS oferecemos um automovel em optimas condições. Dos mais antigos e foi o primeiro carro que atropelou um português. Volta e meia ainda anda. Reliquia inestimavel e faz parte da biblioteca do sr. conde Tór. Pode vir-se no Bazar Moderno.

Objectos perdidos

ESPOSA — Perdeu-se ontem, no caminho do teatro S. Carlos á rua Andrade. Vestia uma *toilette* azul, chapéu castanho e olhos da mesma cor. Dá pelo nome de Elvira e mede 1 metro e 64. Dão-se alviances a quem a não encontrar.

MALA DE MAO com dinheiro. Perdeu-se na Baixa, perto dos Bancos. A mala é castanha, de papélio forrado de pano, e tinha duzentos contos de recheio. Quem a encontrou pode ficar com ela e entregar o dinheiro. Carta ao numero 311 do nosso jornal.

Criadas de servir

CAVALHEIRO só, precisa de cozinheira diplomada que lhe ofereça todas as tardes os sobejos do jantar da casa onde trabalha. Exige-se a maxima discreção e boas referencias. Trata Antonio Mosca, primeiro banco do jardim do Campo dos Martires da Patria, vindo da Morgue.

PRECISA-SE duma que saiba de serviços de fora. Exigem-se e dão-se as piores referencias. Prefere-se criada que ainda não tenha cadastro na policia como gatum, pois é para casa de ladrão de grande categoria. Carta a este jornal ao n.º 121.

PRECISA-SE que saiba tambem de serviços de cozinha. Prefere-se pessoa ainda nova, podendo ter policia ou guarda republicano para seu uso proprio. Emprego garantido e bons patrões, pois nesta casa a ultima criada conservou-se quasi três dias. Quem não estiver nas condições escusa de se apresentar na rua Maria Pia, 716.

Varios

AO CAVALHEIRO que ontem, na plataforma dum carro electrico da carreira do Rio de Janeiro, contava a dois amigos a forma porque se tinha visto livre da sogra, pede-se o favor de passar pela rua Augusta, 316-A, 2.º andar, para conversar.

ENSINA-SE francês, inglês, alemão e italiano ao domicilio. Professor amestrado. Seriedade maxima. Dá as melhores informações e exige as melhores formas de pagamento, o qual se efectuará no fim do ensino. A falta de pagamento obrigará o professor a desensinar tudo quanto explicou ao aluno. Carta a este jornal ao n.º 914.

ECOS DA SEMANA

O ALFEDO NÃO QUIZ JOGAR AS PERÁS COM PEREIRA BASTO... BASTA DE DUELOS QUE JÁ PASSARAM À HISTÓRIA POR IRRACIONAIS!



OS DEDOS DA VERDADE JÁ ESTÃO OUTRA VEZ INTEIROS. SEGUNDO CONSTA OS NOVOS DEDOS SÃO DE BORRACHA.



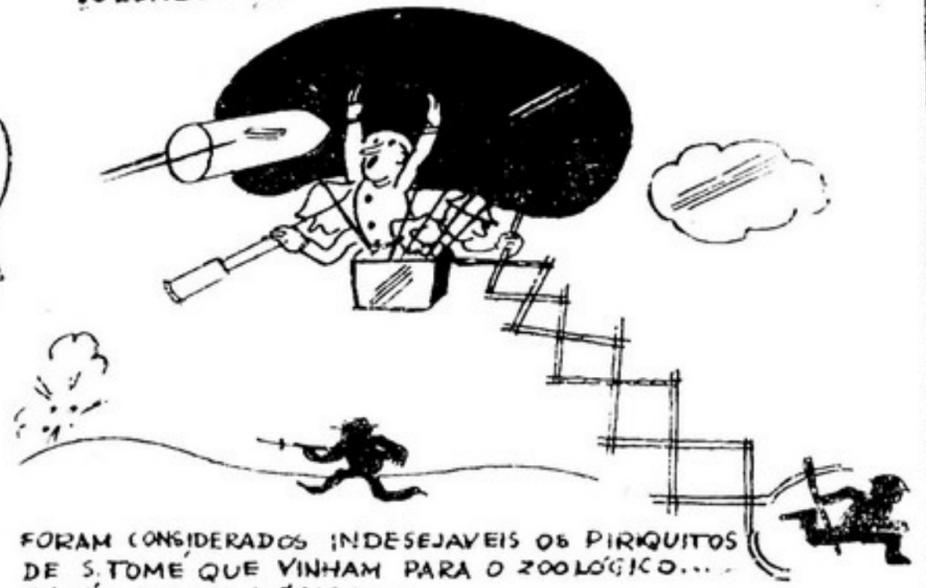
PARECE QUE ESTAMOS A VER AS FUTURAS BARRACAS DE TURISMO GENUINAMENTE PORTUGUEZAS. MAIS UNS MANARRACHOS QUE TENOS DE MAHAR



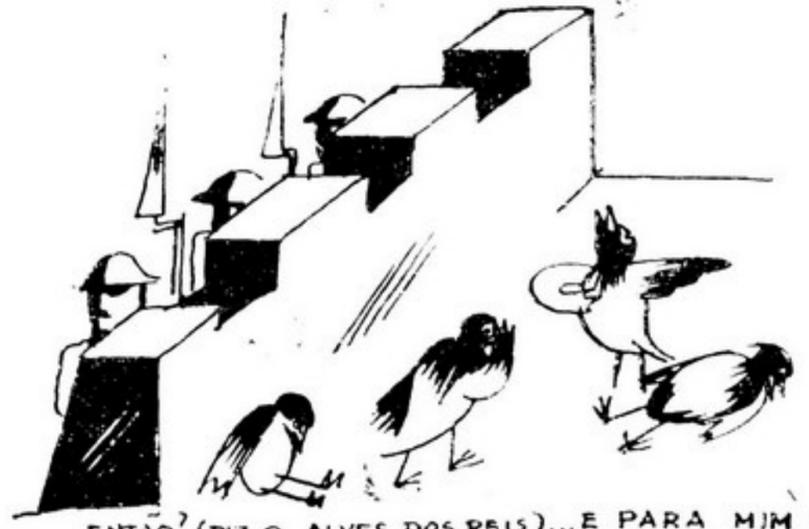
O ORFEÃO DA VEIGA BEIRÃO QUE NO DIA 8 CANTATA UMA CANTATA, EM S. CARLOS, INTITULADA



FORAM BELOS OS EXERCÍCIOS DE CAPTAÇÃO PELOS BALÕES CAPTIVOS CAPTANDO GRANADAS PERDIDAS E SOLDADOS PERDIDOS.



FORAM CONSIDERADOS INDESEJÁVEIS OS PIRQUITOS DE S. TOMÉ QUE VINHAM PARA O ZOOLOGICO... ALIÁS POUCO LÓGICO...



ENTÃO? (DIZ O ALVES DOS REIS)... E PARA MIM NÃO NA UMA COMISSÃO SINHA?



REALMENTE MERECE.

NÃO SE PODE CHAMAR, POSITIVAMENTE, AO 12 DE MAIO O DIA DE DESCANÇO INTERNACIONAL

